

Oliveira, Joana Cabral de et al. (Orgs.). *Vozes Vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta*. São Paulo: Ubu Editora /IRD, 2020. 386 p., 38 ils.

Bruno Campelo Pereira

Mestrando em Antropologia Social na Universidade Estadual de Campinas. E-mail: b165166@dac.unicamp.br
<https://orcid.org/0000-0003-2641-7763>



Resumo

Resenha do livro *Vozes Vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta* de Joana Cabral de Oliveira.

Palavras-chave:
Agrobiodiversidade;
Botânica; Povos
Tradicionais; Crise
Ecológica.

Abstract

Book review *Vozes Vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta* by Joana Cabral de Oliveira.

Keywords:
Agrobiodiversity;
Botany; Traditional
Peoples; Ecological
Crisis.

Ao nos darmos conta de que não há mundo suficiente para atender a insaciável fome por mercadorias de nossos tempos, um desafio se faz urgente: como recriar nossos laços de solidariedade com o planeta? Enquanto viventes, temos a nossa parte com a manutenção da vida que compartilhamos uns com os outros. Não há mais tempo para ignorar essa conversa, nem sentido para excluir dela justamente aquelas que, apenas ao respirarem e se reproduzirem, fazem do planeta um lar habitável para espécies como nós; e de cuja existência dependemos para garantir a continuidade da nossa. Falo das plantas e de seu pensamento vegetal, tema dessa admirável coletânea de ensaios, histórias e poemas que nos convidam, em um gesto político e sensível, a ouvir *Voices Vegetais*. O sugestivo título especula sobre as possibilidades de vegetarmos o nosso pensamento, para enxergarmos (ou senão, escutarmos) outras saídas para os perigos socioambientais que já se anunciam graves.

Há uma profunda ligação entre a catástrofe ecológica gerada pela conduta capitalista e a desvalorização da vida vegetal. As plantas, na tradição moderna do pensamento ocidental, costumam ser definidas pela *falta* de subjetividade. Isto é, *não* sendo sujeitos, só lhes restam o papel de objetos, cabendo-lhes ocupar a posição de *recursos naturais*, explorados para que nos sirvam e sejam úteis. Elas são, com frequência, sacrificadas quando capturadas pelas tais *alternativas infernais* de que nos falam Isabelle Stengers e Philippe Pignarre (2005: 40). O capitalismo que hoje se apresenta não lhes dá qualquer chance de falar, nem a nós de as ouvir. Pois bem, e se recusássemos esse emudecimento de uma vez por todas? Se restituímos vez e voz às plantas, talvez começássemos a tomar o juízo de que *a vida não é útil* (Krenak, 2020).

Eis aqui uma reunião bem-sucedida de diferentes maneiras de se engajar com plantas, experimentando novas linguagens, metodologias, práticas, além de caminhos teóricos e éticos. Os seminários a partir dos quais o livro se origina reuniram pesquisadores indígenas e não indígenas, de diferentes áreas, além de ativistas quilombolas e de assentamentos rurais que defendem uma pluralidade de perspectivas agroecológicas concebendo plantas, animais e outros entes como autênticos sujeitos sencientes. Os debates acadêmicos da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), ao convidarem povos tradicionais do passado e do presente e famílias agricultoras, têm aprendido muito sobre como diversificar práticas agrícolas junto aos diferentes modos de viver vinculados à terra.



Oliveira, Joana Cabral de et al. (Orgs.). *Voices Vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta*. São Paulo: Ubu Editora /IRD, 2020. 386 p., 38 ils.

Nesse volume, mais que um panorama do que há de mais recente nos debates sobre a relação entre seres humanos e plantas no Brasil, encontramos um arsenal criativo de experimentos com outras formas de relação com vegetais. Lições que nos ensinam sobre como nos engajar com a diversidade de mundos que nos circundam e com histórias da floresta. “Com quem e de que modo aprender a revisar os vínculos com as plantas?” (p.11), a obra nos pergunta como um convite a essa empreitada, conduzida ao longo de dezessete textos, escritos e ilustrados por antropólogas e antropólogos, um filósofo, uma botânica, uma arqueóloga e um arqueólogo, uma agricultora e agrônoma, um agrônomo, pensadores indígenas, cientistas sociais e uma poeta, que nos faz imergir no universo das plantas através de suas poesias enraizadas, que costuram as quatro partes do livro. Ele próprio um vegetal, que se faz plantar conforme seguimos em sua leitura. Ou seria mais assertivo dizer, como uma bela roça, tão polifônica e diversa quanto as que produzem os povos indígenas, quilombolas e comunidades rurais homenageados, e que delas cuidam desde o interior de suas localidades.

Sendo assim, a primeira parte (*Semear a Terra*) nos prepara o terreno. Em um sobrevoo histórico, percorremos as mudanças sofridas pelo pensamento modernista europeu na passagem para o século XIX, conforme a história natural renovava-se com a identificação de fósseis de animais extintos. Enquanto vestígios de eventos e mundos perdidos, a história humana desamarrava-se de um propósito criador, movido por uma intencionalidade divina, para situar-se em uma história ainda mais profunda do que se imaginava. Naturalistas europeus, experimentando soluções criativas, através de conexões inusitadas para a época, teorizavam sobre a origem da diversidade biológica e seu mecanismo de variação e seleção. Desestabilizando a ótica religiosa que sacramentava o ser humano como o ápice evolutivo e sentido último de todas as coisas, mostravam como a suposta excepcionalidade humana residia em características, na verdade, apenas inadequadas à sobrevivência de outras espécies.

E se as histórias, que nos gabamos por saber contar com a nossa Voz, passassem a também incorporar o *Silêncio* através do qual outros seres nos contam as suas? (capítulo 1).

Questionamentos parecidos, despertados por naturalistas no século XIX, continuam marginalizados pela persistência em posicionar o ser humano como um molde de referência para hierarquizar os viven-

tes. Os propósitos civilizatórios que se fizeram valer no século seguinte basearam-se nessa hierarquia para defenderem a marcha ilimitada para o progresso. Com força total, acumularam-se as pegadas da modernidade, culminando nas atuais ameaças à continuidade de um planeta habitável e sociobiodiverso. Do apelo à ciência ao apelo ao desenvolvimento. Terminamos esse sobrevoo histórico do livro chegando ao século XXI, estarecidos com as ameaças de quem, sorrateiramente, opta por negar os atuais riscos socioambientais do desmatamento acelerado, do aquecimento global, da acidificação dos oceanos e da erosão da biodiversidade e dos solos, para deturpar e desfigurar a produção científica de conhecimento validada em consensos.

Se, ao assistirmos desqualificarem a nossa prática como um mero jogo de interesses mesquinhos entre oportunistas, somos assombrados pela desesperança, é porque apenas começamos a nos aperceber da urgência de se ativar redes de colaboração e coaprendizagem para, coletivamente, imaginarmos alternativas. O *reacionarismo modernista* que marca o atual cenário político convoca-nos a criar oportunidades de conexão entre nossas diferentes formas de se opor às ameaças civilizacionais e aos assédios capitalistas (capítulo 2).

Como multiplicar nossas frentes e nossas alianças?

Da perspectiva do direito, o livro nos aduba juridicamente sobre uma parte sensível da história que sobrevoamos. Apenas recentemente, os instrumentos legais internacionais começaram a reconhecer a diversidade das plantas cultivadas como um patrimônio ameaçado. Por um lado, caminhamos ao devido reconhecimento da relevância ecológica e sociocultural das populações tradicionais, por prestarem importantes serviços ambientais ao manterem um acervo fitogenético amplo e diverso; mas por outro, os sistemas tradicionais de produção e manejo da agrobiodiversidade se encontram cada vez mais fragilizados com a mercantilização dos seus componentes, autorizada mediante direitos de propriedade intelectual, criados para atender a monopólios econômicos, que operam ignorando os saberes, práticas, normas e valores das populações locais envolvidas (capítulo 3).

Enquanto os povos detentores desse conhecimento continuam sendo desconsiderados na construção de nossos instrumentos legais e de direitos, os praticantes da agricultura industrial aliam-se às biotecnologias criadas pela engenharia de alimentos. Noticiários escancaram que o já conhecido *rolo compressor ruralista* (Capiberibe; Bonilla, 2014)

vem passando com sua boiada e latifúndios, acirrando ainda mais a pressão fundiária, infectando as plantas com pesticidas ou fertilizantes e padronizando paisagens com sementes transgênicas.

Temos alguma alternativa frente ao ritmo veloz de produção e consumo que marca a relação entre humanos e plantas na agricultura industrial que se faz predominante?

Nem todo *Agro é Pop*. O compromisso com o desenvolvimento pode ser indesejável se ele requer a exclusão ou a extinção de formas de vida. Enquanto outros mundos de agricultura continuam sendo possíveis, por que investirmos em mais *plantations* e suas *colheitas coordenadas de temporalidade monótona* (Tsing, 2015a: 24)? O terreno do livro é semeado por outras possibilidades agrícolas e modos de vida *contraestatais*, em contraste ao modelo hegemônico dos latifúndios aliados ao *Estado herbicida* (capítulo 4).

Há sim muitas formas de resistir aos impactos e à devastação de projetos que aprisionam e extinguem modos de vida. Com a construção de alianças agroecológicas em defesa da biodiversidade, da agricultura orgânica e de iniciativas voltadas à sustentabilidade, as famílias assentadas no sítio Mãe Terra em Iperó, município do estado de São Paulo (capítulo 5), fazem imprevistas alianças com as práticas agrícolas de povos indígenas que habitam parte da Amazônia, como os Wajãpi, cujos roçados emergem de uma relação íntima entre plantas diversas, insetos, solos e tantos outros seres em continuidade com a floresta.

O livro nos dá dimensão sobre a profundidade histórica da contribuição de povos que habitaram ou habitam tradicionalmente os bosques brasileiros para a produção de sua diversidade paisagística. Em *Raízes da Diversidade*, passado e presente vão e voltam através de memórias que revelam agriculturas associadas à produção da biodiversidade pelos povos pré-colombianos. Assim, os castanhais da Amazônia, as araucárias da Mata Atlântica e os pomares de pequi do Cerrado ampliam nossos horizontes, exemplificando processos coevolutivos ligados à ocupação indígena desde um passado remoto (capítulo 6).

O que os sítios arqueológicos têm sugerido, a respeito da ocupação da Amazônia desde o Holoceno Médio, é que a segurança alimentar de seus povos se viabilizava por meio de estratégias sofisticadas de manejo agroflorestal, estimuladas por um gosto estético por diversificar espécies através de fertilizações vegetais cruzadas. Um gosto equivalente ao apreço por multiplicar e diversificar suas

formações sociopolíticas, uma semelhança que as aproximações entre a antropologia e a arqueologia nos incentivam a reconhecer (capítulo 7).

É importante ressaltar a aparente contradição que há em torno das paisagens pertencentes à bacia amazônica. Ao mesmo tempo em que elas se destacam pela habitual domesticação de plantas, as espécies vegetais mais utilizadas para compor a dieta de suas populações locais envolvem plantas não cultivadas, tecnicamente ditas silvestres. A história da ocupação na região, segundo a arqueologia, considera vestígios de milenares práticas de cultivo e concepções de agricultura que continuam vivas entre os atuais grupos amazônicos. Um acervo variado de biotecnologias refinadas de manipulação de plantas para fins mais que alimentícios, mantidas por relações ecológicas em que saberes e técnicas se associam a habilidades de comunicação multiespecífica, entre elas, a de transformar, nomear e colecionar variedades, interagindo com outros seres na propagação de plantas e de paisagens.

Desta forma, o livro tensiona a grande narrativa da trajetória rumo ao desenvolvimento, que universaliza uma linha histórica de progresso para periodizar a Amazônia usando categorias e conceitos alheios aos interesses e práticas locais. A vida sedentária e o monocultivo nem sempre lhes têm alguma serventia, pois costumam ser mais criativos. É o que nos mostram os sofisticados conhecimentos práticos de transformação vegetal que se conservaram associados às concepções locais de floresta, de roça e de corpo, este o idioma privilegiado para se contar sobre a origem e o sentido dos cultivos (capítulo 8).

Histórias humanas e histórias de plantas se entrecruzam. É o que nos contam as cuieiras e os cuiupis, espécies que atravessaram gerações e marcam historicamente as diferentes paisagens produzidas pela ação conjunta entre animais semeadores, entre os quais os humanos (capítulo 9). Assim como as concepções e práticas indígenas sobre as tuberosas, apresentadas a partir da batata *manhafã*, que conecta temporalidades e memórias afetivas entre os Mura, que vivem no interflúvio dos rios Madeira e Purus (capítulo 10). Plantas que contam histórias de entrelaçamentos antigos, que não foram domesticadas, mas que também não são estritamente silvestres, pois resultam da vida social local, na qual histórias de vida e lugares de memória se relacionam entre parentes e seus companheiros de cuia. Os regimes locais de maestria, por exemplo, situam as relações com os vegetais em constantes negociações com as

entidades protetoras, que devem ser sempre reverenciadas através de tratamentos de parentesco, expressos em termos de cuidado e atenção.

Histórias que lançam ideias a respeito de *Socialidades Vegetais*, tema que ganha destaque na terceira parte do livro, a partir de três experiências etnográficas recentes com povos indígenas da família Arawá, que têm suas próprias explicações sobre como aprenderam a se relacionar com as plantas na região do Médio Purus desde sempre. O que veem e escutam as mulheres Banawá, Jarawara e Jamamadi nos dão pistas sobre como delinear nossas socialidades com a vida vegetal, valorizando *princípios de precaução e cuidado*, mediados através de obrigações éticas que negociam os excessos. Um modo apropriado de encarar as consequências, considerando a política da mata e a vingança dos espíritos, que não gostam de controles excessivos e que podem nos matar se isso lhes parecer oportuno (capítulo 11).

Quem domestica quem?

O livro nos convida a especular sobre as ideias no mundo arawá, no qual já se sabe, há muito tempo, que plantas enfeitiçam, ou melhor, *contradomesticam*. Chamam para conversar. Uma percepção que se alia, por caminhos imprevisíveis, com as ficções especulativas do pensamento feminista contemporâneo (Haraway, 2016), que nos estimulam a contar novas histórias e de outras formas, convocando-nos a imaginar mundos em que as coisas pudessem ser diferentes. Seguindo na leitura somos incentivados a nos aliar a projetos políticos em que o cuidado e a precaução se destaquem como princípios que incluam todos os seres que vierem com seus respectivos mundos (capítulo 12).

Pupunheiras, castanheiras, timbós, flecheiras e tabacos nos perguntam: por que sustentar modelos de vida que insistem em ignorar “o que há de vegetal nos humanos” (p.17)? E se criássemos nossos mundos de vida a partir das plantas e com elas? (capítulo 13).

Em *Colhendo os Frutos*, seguimos navegando pelo Alto Purus, entre o Acre e o Amazonas, onde o pensamento mitopoiético do povo indígena Apurinã (capítulo 14) faz ligações que, inesperadamente, alinham-se aos modos de vida dos castanheiros quilombolas do Alto Trombetas, no Pará (capítulo 15). Os emblemáticos castanhais conformam redes (sub)terrâneas de parceria entre aramãs, mutuns, cutias, ouriços, castanhas e muitos outros sujeitos que se enredam nas tramas de mundos socioagrobiodiversos. Mundos em risco, como não nos deixam esquecer as famílias Krahô do Tocantins (capítulo 16), cujos

cantos, ao ecoarem a fertilidade e a resistência dos seus roçados de milho, somam-se à força dos cantos Kaiowá de Panambizinho, no Mato Grosso do Sul (capítulo 17), para que fortaleçam seus respectivos conhecimentos rituais, atualmente restritos a poucos especialistas. Assim, asseguram colheitas férteis e protegidas do avanço veloz e irresponsável do agronegócio, com seus mecanismos de concentração de poder e de *cultivo pela coerção* (Tsing, 2015b: 189).

Pessoas, plantas, roças e florestas. Um mundaréu de vozes com as quais podemos mudar nossa percepção acerca do vegetal que habita entre nós. Essa é a mais bela lição que a obra nos fornece, junto a alternativas de ferramentas práticas frente às mudanças climáticas. Uma gama de perspectivas para reagir aos problemas e paradoxos desconcertantes do pensamento vegetal, que acompanham nossa socioagrobiodiversidade. Uma instigante leitura é o efeito de quando especialidades tão diferentes se misturam para propor alternativas de como pensar com e através de outros mundos possíveis. Ao pensarmos, falarmos e escrevermos com as plantas, reavaliamos as filosofias que estimulam a extinção de nossas próprias vidas. Não estamos diante de um pano de fundo passivo e inerte, nem lidando com pedaços de objetos meramente decorativos. As habilidades das plantas para se comunicar, sentir e aprender, isto é, suas maneiras de criar vida, podem nos inspirar a fazer vida de outras maneiras. Quem sabe se tomarmos emprestado o gosto por variar, valorizando a diversidade em detrimento da padronização do mundo, não teríamos novas chances para cumprir o nosso dever de cuidar da vida na Terra, promovendo alianças como as que são exaltadas pelo livro.

Considerar nossas zonas de contato com a vida vegetal parece um caminho convincente para reconhecermos a ameaça existencial do colapso climático. As preocupações sobre o futuro do planeta costumam ser anestesiadas por acordos internacionais que, enquanto não pressionarem os devidos responsáveis pelas atrocidades em massa, as várias frentes de resistência continuarão ameaçadas pelos laços entre o agronegócio e o Estado diante dos intoleráveis ecocídios, que nos fazem temer o *mundo por vir* (Danowski; Castro, 2014).

Ao conjugar saberes que consideram as plantas como sujeitos e experimentar suas implicações para o pensamento, a obra assume o

admirável compromisso em divulgar as infinitas possibilidades que o comportamento e a experiência vegetal podem nos ensinar.

Eis um livro-planta que encanta!

Referências

Capiberibe, Artionka; Bonilla, Oiara. 2013. “O rolo compressor ruralista: Projetos de lei, decretos e outros instrumentos legais relativos a direitos das populações indígenas”. *Combate Racismo Ambiental*, 2013 (dezembro): <https://acervo.racismoambiental.net.br/2013/12/18/o-rolo-compressor-ruralista>.

Danowski, Déborah; Castro, Eduardo Viveiros de. 2014. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Cultura e Barbárie Editora.

Haraway, Donna. 2016. “Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes” (trad. de Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy). *Climacom*. “Vulnerabilidade”. 3(5). <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes>.

Krenak, Ailton. 2020. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras.

Oliveira, Joana Cabral de; Amoroso, Marta; Lima, Ana Gabriela Morim de; Shiratori, Karen; Marras, Stelio; Emperaire, Laure (Orgs.). 2020. *Vozes Vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta*. São Paulo: Ubu Editora.

Stengers, Isabelle; Pignarre, Philippe. 2013. *La sorcellerie capitaliste: pratiques de désenvoûtement*. Paris: La Découverte.

Tsing, Anna Lowenhaupt. 2015a. *The Mushroom at the End of the World*. Princeton: Princeton University Press.

_____. 2015b. “Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras” (trad. de Pedro Castelo Branco Silveira e Thiago Mota Cardoso). *Ilha Revista de Antropologia*. (17) 1, p. 177-201. <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2015v17n1p177>.